

Edição v.35
número 2 / 2016

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), v. 35, n. 2
ago/2016-nov/2016

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

DISPOSITIVOS INTERACIONAIS: ATRAVESSAMENTOS E REDEFINIÇÕES DE FRONTEIRAS NA SOCIEDADE EM MEDIATEZACÃO

INTERACTIONAL DEVICES: CONSTRUCTION OF INTERRECTIONAL DEVICES IN THE SOCIETY IN MEDIATIZATION

MONALISA PONTES XAVIER

Doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Brasil.

monalisapx@yahoo.com.br

ANA LÚCIA DE MEDEIROS BATISTA

Doutora em Comunicação (UnB/Université de Rennes-1); estudos pós-doutorais (UFBA). Autora dos livros Noticiador-Noticiado: Perfis de jornalistas numa sociedade em midiatização (Insular, 2015) e Sotaques na TV (Annablume, 2006). Brasil.

analumbr@yahoo.com.br

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

XAVIER, Monalisa P.; BATISTA, Ana Lúcia de M. Dispositivos interacionais: atravessamentos e redefinições de fronteiras na sociedade em midiatização. **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 02, pp. 72-86, ago./nov., 2016.

Enviado em 03 de setembro de 2015 / Aceito em: 28 de março de 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i2.936>

Resumo

Frente à importância de debates conceituais para o avanço das teorias e a consolidação do campo da Comunicação e as relações que se estabelecem com as transformações da sociedade, buscamos, neste artigo, contribuir para a discussão em torno do conceito de dispositivos interacionais, bem como sua inserção e funcionamento enquanto parte do fenômeno da sociedade em midiatização. Para isso, contextualizamos a referida sociedade a partir dos agenciamentos entre campos e a ascensão da mídia como “processo interacional de referência” (BRAGA, 2006). Discutimos conceitualmente o dispositivo, desde a proposição foucaultiana, passando pelas formulações de Agamben, até chegar à construção do dispositivo interacional produzido nas interações midiatizadas contemporâneas.

Palavras-chave

Dispositivos interacionais; Sociedade em midiatização; Processos comunicacionais.

Abstract

Considering the relevance of conceptual discussions to advance the theories and the consolidation of the field of communication and the relations established with the transformations in society, we seek in this article contribute to the discussion about the concept of interactional devices as well as their integration and operation as part of the society in mediatization phenomenon. For this, we contextualize that company from assemblages between fields and the media rise as “interactional process reference” (Braga). We discussed conceptually the device from Foucault’s proposition, going through Agamben formulations, until the construction of interactional device produced in contemporary mediatized interactions.

Keywords

Interactional devices; Mediatization society; Communication processes.

Introdução

De diferentes modos as teorias podem ser úteis a uma produção de pesquisa. José Luiz Braga (2008) aponta duas importantes funções das teorias em um trabalho de investigação científica: 1) a teoria como acionamento metodológico e; 2) a teoria produzida pela pesquisa. A respeito da primeira função, o autor a esclarece a partir de dois ângulos, o primeiro, a “teoria como reflexões que ajudam a *construir um problema de pesquisa* – a selecionar pertinências, a perceber relações entre as coisas (e entre as coisas e os conceitos)” (BRAGA, 2008, p. 17); e o segundo em referência à “teoria como conjunto de conceitos que dão apoio *ao trabalho de observar sistematicamente um objeto*, de direcionar as perspectivas para interrogá-los” (BRAGA, 2008, p. 17).

Partindo desses ângulos e assumindo a importância de debates conceituais para o avanço das teorias e a consolidação de campos em construção, e mais especificamente o campo da Comunicação, buscamos, neste artigo, contribuir para a discussão em torno do conceito de dispositivos interacionais, bem como sua inserção e funcionamento na sociedade em midiatização. Ainda, nesse contexto, ambicionamos pensar as reconfigurações dos processos comunicacionais que integram os dispositivos interacionais e os movimentos que dizem respeito aos participantes, aos campos sociais e à mídia.

Para traçar um recorte mais específico do que são os dispositivos interacionais, propomos uma discussão a partir de Foucault e sua formulação sobre dispositivos – mais especificamente os dispositivos disciplinares – e Agamben, passando pelos “microcosmos relativamente autônomos” narrados por Bourdieu (2003); o determinismo tecnológico do “*bios* midiático” de Sodré (2002), até chegar   concep o dos dispositivos de intera o que, segundo cremos em consonância com Braga, são característicos do fenômeno comunicacional. Propomos-nos, com isso, a contribuir para fazer avançar as reflexões e ampliar os debates sobre processos e transversalidades em torno do campo da Comunica o.

Forma o de agenciamentos entre campos na sociedade em midiatiza o

O conceito de dispositivos interacionais que propomos discutir se delinea no contexto de uma sociedade em midiatiza o e algumas desconstru es e reconstru es dessa sociedade, especialmente aquelas que envolvem a média, e como esta instância se articula no seio das práticas

sociais. Consideramos que esses critérios são importantes para a compreensão do dispositivo interacional como característico do fenômeno comunicacional. Por isso, traçamos aqui uma discussão dos agenciamentos¹ entre campos no contexto da sociedade em midiatização.

Observamos que entre as principais transformações que se processam desde uma sociedade dos meios até uma sociedade em acelerado processo de midiatização estão os modos como os campos sociais se relacionam entre si e o lugar que a mídia assume nas práticas sociais. Na sociedade dos meios, temos os meios idealizados em sua instrumentalidade, o espaço social da mídia circunscrito a dispositivos como a indústria cultural e/ou a inovação tecnológica e a relação da sociedade com tal veículo concebida de modo polarizado. As mídias, como assume Fausto Neto (2008), apresentam uma relativa autonomia frente à existência dos demais campos sociais, que figuram independentes, coexistem e se articulam a partir de espaços fronteirizos, ou seja, lugares de encontro que não oferecem riscos a suas mútuas constituições relativamente autônomas.

À medida que a mídia vai povoando os espaços fronteirizos, cria outros modos de se relacionar com tais campos hipoteticamente preservados. Esses espaços se expandem e extrapolam limites até então bem estabelecidos e, nesse momento, sujeitos e ações da mídia se intercalam de modo diferenciado em relação às demais mediações historicamente constituídas. Assim, a mídia assume um lugar *sui-generis* de elemento de mediação. Temos aí o início de um complexo processo de atravessamento dos campos sociais pela instância midiática pautado na mídia como organizadora dos campos.

O atravessamento dos campos sociais, como discorre Braga (2012), se constitui em uma consequência significativa da midiatização. Além da ideia do autor, pensamos serem tais atravessamentos, aos quais chamamos de agenciamentos entre campos, condição fundante da própria midiatização. Quando falamos em midiatização, assumimos como pressuposto que os então processos de mediação exercidos pelos meios – enquanto indústria cultural – perdem sua centralidade.

Desse modo, o desenho social dos campos se redefine quando as fronteiras progressivamente se tornam opacas em prol das sobreposições. Tentemos entender esse deslocamento através de uma analogia gráfica. Pensemos em um conjunto de espaços circulares – os campos – que se encontram interpostos. Segundo as ideias vigentes na década de 1990, a exemplo da perspectiva de Adriano Rodrigues (1990), tais interfaces seriam os espaços dialógicos ou fronteirizos entre os campos e a mídia funcionaria

1 Trabalhamos com o conceito deleuze-guattariniano de agenciamento.

como articuladora dessas interposições.

No entanto, os espaços circulares se encontram em movimento, ao mesmo tempo, também o elo organizador entre eles flui. Esse fato atualiza as próprias compreensões até então vigentes, na medida em que temos o movimento da história sociocultural produzindo fluxos que deslocam os campos continuamente, de modo que chega um momento em que vários campos passam a ocupar lugares sobrepostos, constituindo uma espécie de mosaico, no qual se torna difícil discernir as especificidades de cada um.

Nesse movimento, aqueles “microcosmos relativamente autônomos” narrados por Bourdieu (2003) se diluem em uma emergente ambiência, constituindo assim outros *locus* de intercâmbio da sociedade com ela mesma, que podemos nomear “*bios* midiático” (SODRÉ, 2002). Nele, a mídia, que até então figurava como mediadora dos campos estabelecidos, ressurgue agora nas interações formadas com as práticas sociais, com dinâmicas socioculturais a partir das quais resultam complexos sentidos emergentes.²

Assistimos à transposição da centralidade da mídia para as interações, no seio das quais a sociedade inventa continuamente usos para a instância midiática. Todas as áreas e setores menos institucionalizados da sociedade passam a desenvolver, tal qual esclarece Braga (2012), práticas e reflexões sobre suas interações com outras áreas, experimentando e desenvolvendo circuitos interacionais em acordo com suas perspectivas e interesses. Como exemplos citamos experiências de educação midiaticizada, de práticas médicas midiaticizadas e até de serviços psicoterapêuticos ofertados na ambiência midiaticizada.³

A mídia passa assim a participar transversalmente das interações nesse cenário e, desse modo, constitui agenciamentos com os mais variados campos sociais. A partir da formação dos agenciamentos, temos que não é só a mídia que é reinventada socialmente ou ainda responsável pela midiaticização da sociedade, mas, na emergente lógica interacional, também os campos e processos sociais se reconstróem constantemente e igualmente respondem pela midiaticização, cada um com sua incidência específica. A esse respeito, Braga se pronuncia:

Ao experimentarem práticas mediáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos mediaticizados, ao darem sentidos específicos ao que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais

2 Sodré concebe um determinismo tecnológico nos processos de midiaticização, diferentemente da perspectiva por nós assumida, em consonância com autores como Fausto Neto e José Luiz Braga.

3 A esse respeito, ver XAVIER, Monalisa Pontes. **A Consulta transformada**: experimentações de dispositivos interacionais “psi” na sociedade em midiaticização. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2014.

agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da mediatização (BRAGA, 2012, p.12).

Observamos nesse movimento outros modos de produção e circulação de sentidos sociais, que então se formulam fluindo continuamente em processos de experimentações e indeterminações, como prossegue o autor:

As mudanças decorrentes de processos de interação 'em mediatização' modificam (e modificarão crescentemente) o perfil, os sentidos e os modos de ação dos campos sociais; que outros campos se desenvolvem; e sobretudo que os modos de interação entre os campos sociais e entre cada um deles e a sociedade ao largo continuarão a se modificar (BRAGA, 2012, p. 14).

É assim que os circuitos contemporaneamente vigentes na prática social ganham forma e os campos sociais, que anteriormente podiam interagir com vários outros campos sociais segundo suas lógicas particulares e transações de fronteiras, se transformam em peças elementares de múltiplos circuitos, circuitos esses que, ainda conforme Braga (2012, p. 14), "envolvem momentos dialógicos, momentos 'especializados'; momentos solitários (o mundo circula em nosso *self*) e momentos tecno-distanciados, difusos".

Ramifica-se dessa reconfiguração o fato de que nos agenciamentos estabelecidos quando da composição de circuitos, os campos sociais passam a interagir com ambientes externos a suas lógicas canônicas, produzindo assim emergentes processos e outras lógicas, próprios da mediatização. É quando a sociedade se vê progressivamente funcionando em um jogo pautado por essas lógicas e processos insurgentes que podemos dizer que se encontra em vias de mediatização; quando se torna possível vislumbrar a conversão apontada por Fausto Neto (2008, p. 93) da cultura midiática "na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade".

Não é que a mídia tenha ascendido à cena na sociedade em mediatização, mas nessa sociedade ela passa a ocupar um lugar até então desconhecido na enunciação, seja ela discursiva ou não discursiva.

Os ambientes próprios à produção de saber, à interação e ao desenvolvimento de incontáveis práticas sociais progressivamente se redefinem quando o elemento midiático ganha relevância. A escola deixa de ser o lugar central de aquisição de conhecimento, os espaços públicos de conhecer pessoas, o *tête-à-tête* de interação, a clínica de consultas, a igreja de exercício da fé. Todas essas atividades sociais se fazem disponíveis em um

ambiente integrador⁴ – embora também por vezes dispersivo ou tensionador – que é a mídia.

Assim, temos que, na lógica da midiaticização, mídia e campos sociais; mídia e dispositivos interacionais; mídia e processos comunicacionais são elementos complementares. Mais além, somente o podem ser se assumidos na tensão, no embate de forças, nos desacordos com os outros elementos – e aqui aparece o elemento tensionador e/ou o elemento dispersivo.

Não sem contestação a mídia figura no espaço da educação, da religião, da política, da medicina, da psicologia, das inúmeras produções culturais e históricas de uma sociedade. E talvez seja na fratura da contestação que encontremos a riqueza das ditas novas produções marcadas por processos de midiaticização. É como resultado desses fluxos e deslocamentos que a mídia assume o lugar de processualidade interacional de referência (BRAGA, 2006).

Assim como a cultura escrita atuou durante longo tempo como instância organizadora de setores da vida, assistimos, segundo Braga (2006), a um conjunto de reformulações sociotecnológicas de passagem dos processos midiáticos à condição de processualidade de referência. Nessa acepção, temos que o agenciamento dos diversos campos sociais com a mídia conduz a sociedade à experimentação de outros modos de interagir, à constituição de práticas insurgentes, ao estabelecimento de diferentes processos comunicacionais gestores de matrizes sociais que movimentam os sentidos, atribuindo-lhes forma, substância e direcionamento. A essas matrizes, Braga (2011b) propõe chamar “dispositivos interacionais”.

São exemplos desses emergentes modos de interagir o exercício da fé, consultas médicas e psicoterapêuticas, atividades educativas, incluindo aulas dos mais diferentes níveis de formação, entre tantas outras práticas sociais que se deslocam para a ambiência midiática e, assim, constituem experiências outras no seio dos dispositivos interacionais, pautadas por outras lógicas interacionais e organizativas distintas das práticas canônicas.

Do conceito de dispositivo aos dispositivos interacionais

4 Em um primeiro olhar, a ideia de integração pode sugerir um solapar das tensões e diferenças, um arranjo pacífico entre campos, domínios, disciplinas, saberes, ordenações. Uma arrumação em espaço comum de realidades a priori distintas. Não é isso que queremos expressar com o conceito. Como traz o dicionário Aurélio (INTEGRADOR, 1992, p.370), integrar diz respeito a: 1- tornar inteiro ou cabal; 2- possuir em sua constituição ou formação; 3- tornar parte de um conjunto ou de um grupo; 4- adaptar; combinar. Se quisermos pensar a mídia como ambiente integrador, precisamos partir da concepção do dicionário e assumi-la como parte de um emergente conjunto – os circuitos interacionais –, um elemento da combinação, uma peça constituinte, capaz de tornar inteiro.

Os dispositivos interacionais, conforme argumenta Braga (2011b), se configuram como o ponto no qual se torna possível a ocorrência do fenômeno comunicacional, ou seja, nesse elemento se aglutina “o lugar” comum da diversidade de elementos passíveis de constituir um espaço nomeado “Comunicação”. O campo da Comunicação se caracteriza pela diversidade de objetos e a inexistência de uma abrangência teórica unificadora do campo – assim como outras ciências sociais e humanas – e uma questão constantemente em pauta é: “o que situa um estudo e especifica um objeto como próprio da Comunicação?”.

Como diretriz de resposta, Braga (2011a) propõe que os fenômenos comunicacionais se realizam nos múltiplos espaços de interação entre pessoas e/ou grupos e tais interações frequentemente são tomadas a partir dos processos sociais mais amplos no seio dos quais se situam e se desenvolvem. Desse modo, podemos inferir que o lugar privilegiado de observação do comunicacional são os dispositivos interacionais. Nas palavras do autor:

O episódio comunicacional, que é a comunicação concreta, se desenvolve no âmbito dos ‘dispositivos interacionais’, produzidos nas circunstâncias históricas e acionáveis nos contextos específicos dos participantes (BRAGA, 2011a, p. 6).

Temos que é no espaço dos dispositivos interacionais que os fenômenos se instituem como comunicacionais. Precisamos, contudo, entender o que é um dispositivo interacional e, para isso, começaremos por conceituar “dispositivo”. Para tal, recorreremos a dois importantes interlocutores: Michel Foucault e Giorgio Agamben. Começamos por Foucault, que ao longo de sua obra se absteve de um parecer conceitual sobre “dispositivo”, porém lançou luz sobre o conceito quando, em 1977, por ocasião de uma entrevista, assim se pronunciou:

O que trato de indicar por este nome é, em primeiro lugar, um conjunto razoavelmente heterogêneo que inclui discursos, instituições, instalações arquitetônicas, decisões regulamentais, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, brevemente, o dito e também o não dito, estes são os elementos do dispositivo. O dispositivo mesmo é a rede que se estabelece entre estes elementos (FOUCAULT, 2001, p. 299).

Prossegue Foucault:

Por dispositivo, entendo uma espécie – digamos – de formação que teve por função maior responder a uma emergência em determinado momento. O dispositivo tem pois uma função estratégica dominante. O dispositivo está sempre inscrito em

um jogo de verdade (FOUCAULT, 2001, p. 299).

Partindo da discussão foucaultiana, Agamben (2006) situa conceitualmente o dispositivo na obra de Foucault e ultrapassa sua compreensão, englobando novos elementos. Agamben identifica três pontos presentes na ideia de dispositivo. No primeiro, encontramos: “é um conjunto heterogêneo que inclui virtualmente qualquer coisa, o linguístico e o não-linguístico, no mesmo enunciado [...]. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre estes elementos” (AGAMBEN, 2006, p. 1). Temos aqui expresso o elemento articulador constituinte do dispositivo, uma espécie de tessitura que exatamente nas entrelinhas advém à existência. Dispositivo não é a coisa, mas o que se cria no tensionamento entre as coisas, no espaço de relação entre elas – sejam elas ditas ou não ditas.

Afirma ainda: “o dispositivo sempre tem uma função estratégica concreta e sempre se inscreve numa relação de poder” (AGAMBEN, 2006, p. 1). Aqui contextualizamos o interesse foucaultiano pelos dispositivos disciplinares e as relações de poder que são parte do objeto de estudo do pensador. Nos chama a atenção a ênfase conferida ao “sempre” (dispositivo **sempre** tem uma função estratégica concreta e **sempre** se inscreve numa relação de poder). O termo nos parece contradizente com a recusa foucaultiana para com as estruturas e a implicância do autor em retomar a datação histórica dos acontecimentos.

Assim, pensamos os dispositivos com função estratégica concreta e inscritos em relações de poder nas sociedades disciplinares. Isso não quer dizer, contudo, que tal figuração conferida não possa ser manifesta na sociedade contemporânea, mas pensamos ser imprescindível retirar o peso do “sempre”, pois no contexto da mediação, isso pode incidir; no entanto, quando ocorre, precisamos inicialmente atentar para as heranças disciplinares ainda organizadoras da sociedade em acelerado processo de mediação.

Os jogos de poder não se desconstruíram, mas efetivamente se reconfiguraram e não é elemento secundário atentar para o entre-espaço desconstrução x reconstrução. Como se reconfiguram as relações de poder nas sociedades em mediação? Somente atentando para essa premissa cremos ser possível inscrever o dispositivo em relações de poder.

Na perspectiva de Agamben (2006), Foucault enxerga o dispositivo de modo operacional, como podemos observar na crítica que o autor faz à percepção de Foucault: o dispositivo “[...] é algo geral, uma rede, porque inclui em si a episteme, que é, para Foucault, aquilo que em determinada sociedade permite distinguir o que é aceito como enunciado científico do que não é científico” (AGAMBEN, 2006, p. 1).

A partir do que debatemos até o momento, podemos considerar, em acordo com Agamben, que o autor assume dispositivo como:

a disposição de uma série de práticas e de mecanismos – conjuntamente linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares – com o objetivo de fazer frente a uma urgência e conseguir um efeito. (AGAMBEN, 2006, p. 3).

Com isso, Foucault entende o termo em referência aos espaços em que se processam as relações institucionais, de poder e de subjetivação e que imprimem funcionamento à realidade. Os dispositivos disciplinares fazem funcionar a sociedade moderna, assume Foucault. Porém, não só a noção de disciplina compõe o dispositivo. Dessa noção, inclusive, intentamos nos afastar. Nesse movimento de afastamento, Agamben (2006) ressitua o termo nos escritos dos padres latinos e amplia seu significado.

Desses escritos decorre a formulação agambeniana de um novo conceito de dispositivo: “Qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2006, p. 4).

Como o próprio autor identifica, há aí uma bipolaridade: de um lado os seres viventes ou as substâncias, de outro os dispositivos. Entre os dois, como elo de articulação, os sujeitos. E assim contextualiza Agamben: “chamo sujeito o que resulta da relação ou, por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os aparatos” (AGAMBEN, 2006, p.4).

Uma característica do momento atual da sociedade em que vivemos, discorre o autor, é a imensa acumulação e proliferação de dispositivos. Não há um só instante da nossa vida que não esteja controlado, modelado ou contaminado por algum dispositivo. Assim prossegue:

os dispositivos não são um acidente em que os homens tenham caído por causalidade, e sim que tem sua raiz no mesmo processo de ‘humanização’ que tem feito humanos aos animais que classificamos com a etiqueta de homo sapiens. (AGAMBEN, 2006, p. 4).

Dentre os incontáveis dispositivos que nos atravessam e que atravessamos, nos interessam os dispositivos interacionais, característicos da sociedade em midiatização. Cremos, juntamente com Braga (2011a), serem eles o ambiente privilegiado de alcance dos fenômenos comunicacionais.

Para conceituar dispositivos interacionais, Braga (2011a) elege alguns aspectos que merecem ser considerados. Inicialmente eles precisam ser pensados como uma reunião de aspectos heterogêneos que se articulam em determinado processo social. Assim, contém elementos de codificação,

de circunstâncias, de inferências, técnicos, culturais, institucionais e comunicacionais, com incidências e relevâncias variadas. Em seguida, o autor enfatiza sua ordem prática organizativa, na medida em que, em oposição a qualquer natureza estrutural, o dispositivo existe em e por sua funcionalidade. Isso resgata seu caráter de historicidade. Frente a tais pontuações, podemos momentaneamente inferir que dispositivo interacional diz respeito à totalidade de elementos que envolvem a interação, funcionando como espaço de possibilidade de advir à própria interação, nas suas mais variáveis e tentativas formas assumidas. Nas palavras de Braga, temos:

Dispositivos de interação são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais. (BRAGA, 2011a, p. 11).

Nessa perspectiva, vemos que, como um sistema de relações socialmente produzido, um dispositivo interacional pode se configurar como um espaço amplo e aberto, ressaltado por seu aspecto de rede de relações, de conjunto de construções de sentido que se processa no deslizamento entre as muitas práticas sociais que lhe conferem vida. Por tal caracterização, enxergamos nele a dimensão do devir, de uma abertura infinita para as possibilidades, na medida em que eles em si figuram como superfícies lisas que precisam ser ocupadas e quem os ocupa são as práticas sociais.

As práticas sociais constroem infinitos modos de interação e cada um desses modos é enxertado por um leque de probabilidades decorrentes das variações de arranjos de seus aspectos constituintes. Em cada combinação de arranjo encontramos tentativas de atribuição de sentido, de invenção de usos, de reconstruções, de direcionamentos, de valoração social, de aceitação, de rejeição. Essas tentativas podem ser positivas, negativas, positivas em determinados contextos, parcialmente negativas ou ainda assumir possíveis valorações entre o positivo e o negativo. Tais valorações advêm exatamente dos usos que deles se fazem, que figuram como um eterno vir a ser.

Poderíamos argumentar que a ambiência midiática é capaz de circunscrever os dispositivos ao seu espaço de interação. Efetivamente não cremos ser isso. Como expusemos anteriormente, no contexto da sociedade em midiatização, assumimos a mídia em sua centralidade, mas como elemento de um circuito midiatizado. Na relação com os múltiplos campos sociais, a mídia com eles se agencia e daí decorre que deixa de existir a mídia, o campo x, y ou z. Esses campos cedem existência à midiatização de x, de y ou de z. Não é a incidência da mídia em cada um deles, mas sim uma construção outra. Para compreensão do que aqui afirmamos, cremos que uma breve

conceituação de agenciamento nos seja útil.

Para Zourabichvili (2004, p. 20), o agenciamento pode ser entendido como “o acoplado de um conjunto de relações materiais e de regime de signos correspondentes”. Por sua vez, ele é formado por dois polos: um polo molar ou polo estrato do agenciamento, que se refere aos grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos (agenciamentos coletivos de enunciação); e um polo molecular ou polo da máquina abstrata, que retrata o modo como cada um se relaciona com os agenciamentos sociais (agenciamento maquínico).

Transpondo a referência teórica deleuze-guattariniana para nossa discussão, cabe esclarecer que o conceito tem uma função primordial que é a de transpor a dualidade – que no contexto proposto se anuncia na fórmula individual *versus* social – e operar com uma construção outra que se processa exemplarmente nas relações de enunciação, embora a elas não se restrinja. Tais enunciações podem trazer expressivas contribuições para nossa compreensão do fenômeno comunicacional e sua roupagem no contexto da mediação.

Pensar a enunciação como agenciamento significa descentrá-la do sujeito e da relação emissor-receptor, potencializando, ao contrário, a indissociabilidade dos agenciamentos de enunciação de práticas concretas e das relações de poder (CAIAFA, 2000).

Ao empreender esse movimento, o conceito deve dar conta do caráter social da enunciação, que se constitui em um *a priori* frente a qualquer enunciado particularizado. Como escrevem Deleuze e Guattari:

Não existe enunciação individual nem mesmo sujeito da enunciação. [...] O caráter social da enunciação só é intrinsecamente fundado se chegamos a mostrar como a enunciação remete, por si mesma, aos agenciamentos coletivos. Assim, compreende-se que só há individuação do enunciado, e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18).

Para entendimento do alcance dessa afirmação, é preciso considerar as transformações incorpóreas de uma dada sociedade e que se atribuem aos corpos dessa mesma sociedade (DELEUZE; GUATTARI, 1995). As transformações incorpóreas, por sua vez, remetem ao caráter de instantaneidade, imediatividade e simultaneidade entre o enunciado que a exprime e o efeito que ele produz. A apreensão de um fato, de qualquer que seja sua natureza, é inseparável, segundo Guattari (1990), do agenciamento

de enunciação que lhe faz tomar corpo como fato⁵ e como processo expressivo. Mais uma vez, ênfase para a indissociabilidade entre o agenciamento e as práticas sociais.

Tomando o agenciamento tal qual um protótipo de como se produz a enunciação, tentemos agora transpor a reflexão para a formulação da enunciação na sociedade em mediação. Temos, nesse contexto, a mídia como ambiência privilegiada de produção de enunciados sociais. Tais enunciados, contudo, mesmo sendo produzidos no espaço da mídia, somente adquirem sentido, relevância e funcionalidade no contexto social do qual advém.

É assim, por exemplo, que ao falarmos da mediação nos referimos à criação de um insurgente espaço de interação com regras e codificações particulares que lhe conferem existência, no seio do qual é gestada uma matriz de fabricação de sentidos socialmente útil e partilhada que, em acordo com Braga (2011b), é um “dispositivo interacional”. A curiosidade por saber como opera esse dispositivo em constituição e em acionamento, é uma questão comunicacional.

No decurso da história, os deslocamentos estabelecidos geram tensionamentos que, por sua vez, passam a demandar diretrizes condutoras. Como se trata de figuração em gestação – e a história se responsabiliza por um fluxo de constantes gestações –, as diretrizes condutoras que lhe podem ser ofertadas são sempre tentativas. A esse respeito, Braga profere:

Quando as condições contextuais e os processos interacionais (via dispositivos estabelecidos) se tornam mutuamente desajustados – pelo enrijecimento codificado do dispositivo e/ou por condições contextuais em mutação – os dispositivos se tornam ineficazes, propiciando ora o surgimento de outros dispositivos tentativos concorrentes; ora inovações do próprio dispositivo, com ajustes maiores, através de novas propostas tentativas, a contrapelo das respostas-padrão, ‘reabrindo’ o dispositivo, que assim se transforma. (BRAGA, 2011b, p. 5).

Os processos tentativos característicos da mediação são, assim, um importante traço da atual configuração dos dispositivos interacionais, que assumem as múltiplas faces das interações nos quais se constituem. Ao considerar o dispositivo interacional como elemento característico do campo da Comunicação, temos o próprio campo demandando reconfigurações e ressignificações em diferentes contextos sócio-temporais. Neste ponto, a nosso ver, se enfatiza a relevância dos debates teóricos em torno das matrizes enunciativas constituintes dos diferentes campos de saber.

5 Aqui o autor se refere especificamente a fato psíquico.

Algumas palavras de finalização

Para encerrar este escrito intentamos uma síntese analítico-reflexiva que possa contemplar as elaborações alcançadas, assim como as inúmeras inquietações surgidas e que, no momento de pausa, permanecem em aberto. Aliás, a produção dessas aberturas talvez seja o que de mais produtivo conseguimos elaborar, na medida em que fazem semblante do conhecimento vivo, pulsante, em movimento constante de autoprodução e de busca de significação nas mais diversas práticas sociais nos quais se insere.

Os dispositivos interacionais, enquanto parte do fenômeno de construção e transformação da sociedade, carregam especificidades dos processos comunicacionais característicos da sociedade em midiaticização. Tais dispositivos têm sido responsáveis pela redefinição também dos próprios modos de interação que se forjam em práticas sociais em processo de midiaticização.

A construção de significação na relação com as práticas sociais e com as operações daí decorrentes que põem em funcionamento essas práticas mesmas figura como um dos mais relevantes produtos dos dispositivos interacionais na sociedade em midiaticização. Tais dispositivos, quando passam a se agenciar com as tentativas de interação que envolve os processos de subjetivação vigentes, se constituem como lugares privilegiados de observação sobre os modos como são postos em circulação e apropriados concepções sobre o processo comunicacional.

Dessa forma, os dispositivos interacionais produzem importantes incidências e tensionamento sobre o campo da Comunicação que nos levam a avançar na produção de conhecimento sobre o campo.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Che cos'è un dispositivo?** CIDADE: Nottetempo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática.** São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **O método como tomada de decisões.** V Seminário Interprogramas, dia 28 de outubro de 2008, realizado no PPG em Comunicação da PUC/SP. 2008.

_____. Dispositivos interacionais. **Anais do XX Encontro da Compós.** Porto Alegre: UFRGS, 2011a.

_____. Uma heurística para a pesquisa em Comunicação. **Anais do III Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação**, PROCAD. Unisinos/UEG/UFJF, Goiânia, outubro de 2011b.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JÚNIOR, J.; JACKS, Nilda. **Mediação e Mdiatização**. Compós, EDUFBA, 2012.

CAIAFA, Janice. **Nosso Século XXI**: notas sobre arte, técnica e poderes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Felix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. (vol. 1). Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. In: **Revista Matrizes**. São Paulo, ano 1, n. 2, p. , 2008.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

_____. **Dits e écrits II**. 1976 – 1988. Paris: Gallimard: 2001.

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1990.

SODRÉ, Muniz. O ethos midiatizado. In: **Antropológica do Espelho**. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Teles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.